

VERBOS AUXILIARES E VERBOS DE REESTRUTURAÇÃO DO PORTUGUÊS EUROPEU

Anabela Gonçalves
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

1. Introdução

A tradição gramatical luso-brasileira é consensual quanto à existência de uma classe de verbos auxiliares. No entanto, o elenco de verbos que integram esta classe varia de autor para autor, podendo até encontrar-se divergências em obras diferentes do mesmo autor, como se verifica no quadro 1, abaixo:

Autor	Elenco de verbos
SOARES BARBOSA, 1822	ter, estar, haver de andar, vir, ir, acertar de, dever de
SAID ALI, 1908	poder, saber, dever, haver de, ter de, querer mandar, deixar, fazer começar (a), costumar, estar (a), continuar (a), acabar de, cessar de, ir, tornar a ousar, desejar, gostar de, vir
EPIPHANIO, 1917	ter, haver, andar (a), ir (a), vir, estar (a)
SAID ALI, 1927	ter, haver, ter de, haver de, ser, estar
SAID ALI, 1931	ser, estar, parecer, ficar, andar, vir, ir, tornar a, haver, haver de
CUNHA & CINTRA, 1984	ter, haver, ter de, haver de, ser, estar (a, para, por), ir, vir (a, de), andar (a), ficar (a, por), acabar de
BECHARA, 1999	ter, haver, ser, estar, ficar, começar a, estar (a, para, por), continuar (a), vir, andar, ir, haver de, ter de, dever, poder, precisar (de), querer, desejar, odiar, buscar, pretender, tentar, ousar, conseguir, lograr, parecer, vir a, chegar a

Quadro 1

Se considerarmos o elenco de verbos apresentado neste quadro, é possível verificar que a classe em causa é constituída por elementos que apresentaram comportamentos sintácticos distintos. A título de exemplo, considerem-se os padrões de colocação dos clíticos em contextos com os verbos *ter* e *querer*:

- (1) a. O João não me tem contado o que se passa na escola.
 b. *O João não tem contado-me o que se passa na escola.
 (2) a. O João não me quer contar o que se passa na escola.
 b. O João não quer contar-me o que se passa na escola.

A ausência de unanimidade entre os vários trabalhos tradicionais decorre sobretudo do facto de os critérios de auxiliaridade serem escassos e, quando existem, serem essencialmente nocionais.¹ De entre esses critérios destacam-se, pela frequência com que são enunciados, (i) a perda do significado original que opera sobre os verbos em análise e (ii) a sua função subsidiária. Contudo, a constituição de subclasses de auxiliares (aspectuais, modais, acurativos, entre outros) com base no seu significado e o facto de estes verbos serem não só responsáveis pelo valor semântico da sequência verbal como pela forma do chamado verbo principal (Infinitivo, Gerúndio, Particípio) revelam claramente a insuficiência dos critérios de auxiliaridade tradicionais.

Desta forma, torna-se evidente a necessidade de caracterizar a classe de verbos auxiliares com base em critérios de natureza essencialmente sintáctica, o que permitirá eliminar os problemas das análises tradicionais.² Tendo em conta este facto, os objectivos deste trabalho são os que abaixo se enunciam:

- (i) identificar as propriedades que aproximam e que distinguem alguns dos verbos tradicionalmente considerados auxiliares;
- (ii) especificar as condições que determinam que certos verbos, não sendo auxiliares, partilhem com estes propriedades sintácticas;
- (iii) explicar por que razão, nas condições referidas em (ii), esses verbos partilham propriedades com os verbos auxiliares.

Serão objecto de estudo:

¹ Exceptuam-se SOARES BARBOSA, 1822 e SAID ALI, 1931, que consideram a hipótese de um verbo não ser auxiliar por não co-ocorrer com verbos (cf. SOARES BARBOSA, 1822, 135) ou por ser seguido de um verbo com o qual não forma uma unidade, pertencendo cada um deles a uma oração diferente (cf. SAID ALI, 1931, 160-161).

² Sobre critérios de auxiliaridade de natureza sintáctica, vejam-se PONTES, 1973, LOBATO, 1975, GONÇALVES, 1992, GÓMEZ TORREGO, 1999 e YLLERA, 1999, entre outros.

- (i) verbos tipicamente auxiliares, como *ter*, seguido de Particípio Passado;
- (ii) verbos de Reestruturação (no sentido de RIZZI, 1982), ou seja, verbos que, em determinados contextos, formam uma unidade do ponto de vista sintáctico com o verbo do seu complemento infinitivo (predicado complexo)
 - (alguns) verbos de Elevação: *poder, dever*;
 - (alguns) verbos de Controlo: *querer, conseguir*.³

2. Verbos auxiliares e verbos de Reestruturação – os dados

2.1. Propriedades (aparentemente) comuns

Os verbos em análise neste trabalho partilham um conjunto significativo de propriedades sintácticas, o que poderá, em parte, explicar a inclusão de todos eles na mesma classe em estudos tradicionais. Assim,

A. Os clíticos dependentes do verbo encaixado ocorrem em adjacência ao verbo mais alto, construção vulgarmente designada de Subida de Clítico:

- (3) a. Ontem, os soldados ainda não tinham capturado o terrorista.
b. Ontem os soldados ainda não o tinham capturado.
- (4) a. Todos os soldados queriam capturar o terrorista.
b. Todos os soldados o queriam capturar.
- (5) a. Os soldados não podiam capturar o terrorista.
b. Os soldados não o podiam capturar.

Note-se, no entanto, que certos verbos que seleccionam complementos infinitivos não admitem Subida de Clítico, o que parece sugerir que o verbo matriz pertence a um domínio frásico independente daquele a que pertence o verbo no Infinitivo:

- (6) a. Todos os soldados decidiram capturar o terrorista.
b. *Todos os soldados o decidiram capturar.

B. Em contextos em que ocorre o clítico passivo *se*, o Objecto do verbo encaixado ocupa a posição de Sujeito mais alto. Esta construção, que designarei como Movimento Longo de Objecto, encontra-se ilustrada em (7)-(9):

- (7) Nas reuniões da Associação têm-se resolvido os problemas dos sócios.

³ Não serão aqui considerados verbos cujo complemento infinitivo é preposicionado.

- (8) Nas reuniões da Associação querem-se resolver os problemas dos sócios.
 (9) Nas reuniões da Associação podem-se resolver os problemas dos sócios.

Tal como acontece relativamente à Subida de Clítico, em certos contextos de Infinitivo, o Movimento Longo de Objecto produz um resultado agramatical, como se ilustra em (10):

- (10) *Na reunião da Associação decidiram-se resolver os problemas dos sócios.

C. A co-ocorrência de expressões adverbiais com valores temporais distintos, afectando cada um deles um domínio distinto, resulta em sequências agramaticais:

- (11) a. Os jornalistas, anteontem, tinham divulgado a fotografia do culpado.
 b. *Os jornalistas, anteontem, tinham divulgado a fotografia do culpado, ontem.
 (12) a. Os jornalistas, anteontem, quiseram divulgar a fotografia do culpado.
 b. *Os jornalistas, anteontem, quiseram divulgar a fotografia do culpado, ontem.
 (13) a. Os jornalistas, anteontem, puderam divulgar a fotografia do culpado.
 b. *Os jornalistas, anteontem, puderam divulgar a fotografia do culpado, ontem.

Pelo contrário, nos casos em que anteriormente não eram admitidos Subida de Clítico e Movimento Longo de Objecto, é possível a ocorrência de modificadores adverbiais com valores temporais distintos:⁴

- (14) a. Os jornalistas, anteontem, decidiram divulgar a fotografia do culpado.
 b. Os jornalistas, anteontem, decidiram divulgar a fotografia do culpado, ontem.

D. Apesar de os dois verbos constituírem uma sequência sintacticamente coesa, a adjacência verbal pode ser interrompida por material lexical diverso:

- (15) Quando falei com ele, o João não os tinha ainda entrevistado.
 (16) Quando os membros do grupo musical apareciam, os jornalistas queriam-nos sempre entrevistar.
 (17) Após as conferências de imprensa com os jogadores, os jornalistas podem-lhes sempre colocar questões relacionadas com os jogos.

Tendo em conta os dados apresentados e assumindo que

⁴ Note-se, contudo, que é necessário obedecer a condições de ordenação temporal. Assim, numa frase com um verbo prospectivo como *decidir*, o intervalo de tempo em que se localiza o evento descrito na proposição complemento é obrigatoriamente posterior ao intervalo de tempo em que se localiza a matriz:

(i) *O João ontem decidiu ir ao cinema anteontem.

- (i) os clíticos têm de ocorrer num domínio frásico não defectivo (i.e., com T activo; cf. DUARTE et al., 2001),
- (ii) o Movimento Longo de Objecto é um processo que opera localmente, não podendo o Objecto encaixado atravessar uma fronteira frásica (cf. RIZZI, 1982 e GONÇALVES, 1999),
- (iii) a co-ocorrência de modificadores temporais distintos indicia a existência de domínios temporais independentes (cf. STOWELL, 1982, RAPOSO, 1987, AMBAR, 1992, GONÇALVES 1999),

pode colocar-se a hipótese de que, nas construções com o auxiliar e nas construções que envolvem certos verbos de Controlo e de Elevação, existe apenas um domínio frásico. A possibilidade de interromper a adjacência verbal evidencia que os verbos que formam a sequência se mantêm morfologicamente independentes.

2.2. *Propriedades distintas*

Embora partilhem alguns comportamentos sintácticos (cf. secção anterior), os verbos tradicionalmente classificados como auxiliares apresentam algumas propriedades distintas. Assim,

E. Com certos verbos de Controlo e de Elevação, os clíticos dependentes do verbo encaixado podem manter-se em adjacência a este verbo, o que não acontece em contextos em que ocorre o auxiliar *ter*:

- (18) a. Ontem, os soldados ainda não tinham capturado o terrorista.
b. *Ontem os soldados ainda não tinham capturado-o.
- (19) a. Todos os soldados queriam capturar o terrorista.
b. Todos os soldados queriam capturá-lo.
- (20) a. Os soldados ainda não podiam capturar o terrorista.
b. Os soldados ainda não podiam capturá-lo.

Note-se que alguns dos verbos de Controlo (e de Elevação) só admitem este padrão de colocação dos clíticos:

- (21) a. Os soldados decidiram capturar o terrorista.
b. Os soldados decidiram capturá-lo.
c. *Os soldados decidiram-no capturar.

F. O domínio dependente de verbos de Controlo e de Elevação comporta o marcador de negação frásica, o que não acontece em contextos de auxiliares:

- (22) a. Por razões de segurança, os americanos não têm viajado.
b. *Por razões de segurança, os americanos têm não viajado.
- (23) a. Por razões de segurança, os americanos não querem viajar.
b. Por razões de segurança, os americanos {?querem/desejam} não viajar.

- (24) a. Por razões de segurança, os americanos não podem viajar.
 b. Por razões de segurança, os americanos podem não viajar.⁵
 (25) a. Por razões de segurança, os americanos não decidiram viajar.
 b. Por razões de segurança, os americanos decidiram não viajar.

Assumindo que os clíticos e o marcador de negação frásica só podem ocorrer em domínios frásicos (i.e., especificados quanto a T; cf. DUARTE et al., 2001, para os clíticos, e ZANUTTINI, 1996 e MATOS, 1999, para a negação), os dados apresentados sugerem que, em certas construções que envolvem verbos de Controlo e de Elevação, existem dois domínios frásicos independentes, o que não acontece em construções com os auxiliares típicos.

2.3. Evidência para a constituição de duas subclasses de verbos de Reestruturação

Os dados das secções anteriores mostram que há verbos que, seleccionando um complemento infinitivo, apresentam um comportamento sintáctico duplo, no sentido em que podem formar uma unidade sintáctica com o verbo desse complemento (secção 2.1) ou manter-se sintacticamente independentes deste verbo (secção 2.2). Esta classe de verbos – de Reestruturação (cf. RIZZI, 1982) – não é, em certos aspectos, uniforme. Deste modo,

G. Nem todos os verbos co-ocorrem com completivas finitas

- (26) O João_i quer que {a Marta_j/*pro*_j} vá ao cinema.
 (27) *O João_i pode que {a Marta_j/*pro*_j} {vá/vai} ao cinema.

H. Só os verbos de Controlo impõem restrições de selecção semântica sobre o Sujeito:

- (28) *Quer chover nos próximos dias.
 (29) Pode chover nos próximos dias.

I. Só com verbos de Controlo é possível a ocorrência de um pronome anafórico na posição de Sujeito do domínio infinitivo

- (30) Os meninos_i querem entregar eles_j os alimentos aos sem-abrigo.
 (31) *Os meninos_i podem entregar eles_j os alimentos aos sem-abrigo.

Note-se que os verbos tipicamente auxiliares apresentam um comportamento

⁵ Por estar fora do âmbito deste trabalho, não me deterei nas diferenças semânticas entre (a) e (b).

idêntico ao dos verbos de Elevação que ocorrem em (27), (29) e (31), facto que poderá também explicar a inclusão destes últimos na classe dos auxiliares:

- (32) *O João, tinha que {a Marta;/pro;} {vá/vai} ao cinema.
 (33) Tem chovido muito ultimamente.
 (34) *Ultimamente os meninos, têm entregado eles, os alimentos aos sem-abrigo.

Embora os dados ilustrados nas alíneas (G)-(I) suportem a existência de duas subclasses de verbos de Reestruturação, as diferenças registadas não têm consequências sobre a formação do predicado complexo (i.e., da unidade sintáctica constituída pelo verbo encaixado e pelo verbo mais alto), como veremos na secção seguinte.

3. A formação dos predicados complexos de Reestruturação

3.1. Condições para a formação dos predicados complexos de Reestruturação

Como referi anteriormente, os verbos de Reestruturação do Português europeu são tipicamente verbos de Controlo e de Elevação. Embora a inclusão numa destas classes seja uma condição necessária para a formação de predicados complexos de Reestruturação, ela não é uma condição suficiente, visto que alguns verbos pertencentes a uma das classes mencionadas não admitem a construção em causa. Considere-se o contraste entre (35b) e (36b), sequências que integram verbos de Controlo no domínio matriz:

- (35) a. Após o jogo com o Belenenses, todos os jornalistas quiseram entrevistar o Presidente do Clube.
 b. Após o jogo com o Belenenses, todos os jornalistas o quiseram entrevistar.
 (36) a. Após o jogo com o Belenenses, todos os jornalistas decidiram entrevistar o Presidente do Clube.
 b. *Após o jogo com o Belenenses, todos os jornalistas o decidiram entrevistar.

Como se pode verificar, a Subida de Clítico é possível com o verbo *querer*, mas não com o verbo *decidir*. Se a classe a que o verbo pertence não permite dar conta do contraste acima apresentado, existe, no entanto, uma diferença entre eles: o complemento infinitivo dependente de *querer* é temporalmente dependente do domínio superior, o que não acontece em contextos de *decidir*. Assim, no primeiro caso – aquele que admite a formação do predicado complexo –, a localização temporal do evento descrito no domínio encaixado depende (ou é determinado a partir) das especificações temporais do domínio matriz. Por essa mesma razão, o domínio infinitivo não pode conter infor-

mação temporal própria, independente (ou não determinada a partir) do intervalo de tempo em que se localiza o estado de coisas descrito no domínio matriz (cf. NEWMEYER, 1975, para verbos de Elevação do Inglês, e GONÇALVES, 1999, para verbos de Controlo e de Elevação do PE). Esta condição de *dependência temporal*, distingue os verbos que podem desencadear a formação de um predicado complexo daqueles que não o podem fazer, como se verifica pelos contrastes apresentados em (37)-(40):

- (37) a. *Todos os jornalistas quiseram entrevistar o Ministro amanhã.
 b. Todos os jornalistas quiseram entrevistá-lo.
 c. Todos os jornalistas o quiseram entrevistar.
- (38) a. Todos os jornalistas decidiram entrevistar o Ministro amanhã.
 b. Todos os jornalistas decidiram entrevistá-lo.
 c. *Todos os jornalistas o decidiram entrevistar.
- (39) a. *Todos os jornalistas puderam entrevistar o Ministro amanhã.
 b. Todos os jornalistas puderam entrevistá-lo.
 c. Todos os jornalistas o puderam entrevistar.
- (40) a. Todos os jornalistas parecem ter entrevistado o Ministro ontem.
 b. Todos os jornalistas parecem tê-lo entrevistado.
 c. *Todos os jornalistas o parecem ter entrevistado.

Em (37) e (39), o intervalo de tempo em que se localiza a proposição complemento é determinado a partir do intervalo de tempo em que se localiza a proposição matriz e a formação do predicado complexo é legítima; pelo contrário, em (38) e (40), a impossibilidade de formação do predicado complexo parece estar associada à independência temporal do complemento infinitivo.

Note-se que, em construções que envolvem verbos de Reestruturação, o evento descrito no complemento infinitivo pode localizar-se num intervalo de tempo posterior àquele em que se localiza a matriz, mas não num intervalo de tempo posterior ao momento da enunciação, facto que está subjacente ao termo *dependência temporal*.⁶

- (41) a. Os jornalistas quiseram entrevistar o Ministro no dia seguinte.
 b. *Os jornalistas quiseram entrevistar o Ministro amanhã.
- (42) a. Os jornalistas puderam entrevistar o Ministro no dia seguinte.
 b. *Os jornalistas puderam entrevistar o Ministro amanhã.

⁶ A ideia de dependência temporal está também subjacente à proposta de STOWELL, 1982, relativamente às construções de Controlo do Inglês. Efectivamente, o autor considera que, nestas construções, o complemento infinitivo é interpretado como um futuro não realizado no momento em que tem lugar o evento descrito na proposição matriz.

Como se pode verificar em (43), o auxiliar *ter* tem um comportamento próximo do dos verbos de Reestruturação, no sentido em que os modificadores temporais não podem entrar em conflito com as informações temporais codificadas no verbo:

- (43) a. *Os jornalistas já tinham entrevistado o Ministro amanhã (quando ele anunciou a sua demissão).
 b. Os jornalistas já o tinham entrevistado (quando ele anunciou a sua demissão).

3.2. A estrutura do complemento dependente de verbos auxiliares e de verbos de Reestruturação

Os dados da secção 2 sugerem que:

- (i) o auxiliar *ter* selecciona um complemento não frásico (cf. impossibilidade de clítico *in situ* e de negação encaixada);
- (ii) os verbos de Controlo e de Elevação apresentam um comportamento sintáctico duplo, no sentido em que:
 - (ii.i) o complemento infinitivo pode ter autonomia sintáctica, o que nos leva a considerar que estamos perante um domínio frásico independente do domínio matriz (secção 2.2) ou
 - (ii.ii) o verbo do complemento infinitivo forma uma unidade sintáctica com o verbo matriz, o que nos pode levar a colocar a hipótese de que, nesta construção (Reestruturação), existe apenas um domínio frásico (secção 2.1).

Assumindo que (i) a frase é uma projecção de um conjunto de núcleos funcionais que codificam formalmente traços de concordância com o Sujeito (AgrS), de tempo (T) e de aspecto (Asp)⁷ e (ii) os núcleos funcionais só se projectam se para tal existir evidência empírica⁸, os dados apresentados conduzem às propostas seguintes:

- (i) O domínio regido pelo verbo auxiliar *ter* é uma projecção de Asp, não sendo projectados AgrS (ausência de concordância Suj-PP) nem T (cf. impossibilidade de clítico *in situ*, de negação encaixada e de pronomes anafóricos na posição encaixada de Sujeito), sendo parcialmente representado como em (44).

(44) *ter* [_{AspP} [_{Asp'} [_{Asp} VP]]]

⁷ Como é sabido, existe pelo menos mais um núcleo funcional acima de AgrS – C-, que não terei aqui em conta, visto que não existe evidência empírica para a sua ocorrência nas construções em análise (cf. BOŠKOVIĆ, 1997 e Gonçalves, 1999).

⁸ Esta hipótese é conceptualmente consistente com o princípio de economia nas representações (Chomsky 1995) e é defendida em THRAINSSON, 1996, BOŠKOVIĆ, 1997, Gonçalves, 1999, COSTA & GONÇALVES, 1999, entre outros.

- (ii) O domínio regido pelos verbos de Controlo e de Elevação que não desencadeiam a formação de predicados complexos é um domínio frásico em que se projecta um núcleo T activo (cf. possibilidade de clíticos *in situ*, de negação encaixada e de pronomes anafóricos na posição encaixada de Sujeito), mas não AgrS, como se representa parcialmente em (45).

(45) *decidir* [_{TP} [_T T_{[AspP} [_{Asp} [Asp VP]]]]]

As diferentes propriedades do complemento permitem, assim, derivar de forma natural os contrastes apresentados na secção 2. Assim, a Subida de Clítico é obrigatória em (44), dado que T, núcleo funcional que legitima a ocorrência dos clíticos (cf. DUARTE et al. 2001), só se projecta acima do VP que tem como núcleo o verbo auxiliar; pelo contrário é impossível em (45), já que T encaixado legitima a ocorrência do clítico e, por isso, impede a sua subida para o domínio matriz. A presença *vs.* ausência de T permite, ainda, dar conta da possibilidade *vs.* impossibilidade de ocorrência do marcador de negação frásica: em (44), a ausência de T no domínio encaixado impede a projecção de Neg (ZANU-TTINI, 1996), em (45), a projecção de T nesse mesmo domínio legitima Neg.

Ficam, no entanto, por explicar as construções em que ocorrem verbos que exibem um comportamento sintáctico duplo: em certos contextos, são visíveis fenómenos que evidenciam a existência de dois domínios frásicos, o que nos levaria a propor uma estrutura idêntica a (45); noutros contextos, parece haver um único domínio frásico (e.g., Subida de Clítico, Movimento Longo de Objecto), o que nos levaria a propor uma estrutura idêntica a (44).

Se o primeiro caso não é problemático, o mesmo não se pode dizer do segundo. Com efeito, em construções de Reestruturação, verifica-se uma condição de dependência temporal, como atrás se demonstrou, mas o evento descrito no domínio encaixado pode ser localizado num intervalo de tempo posterior ao intervalo de tempo em que se localiza a matriz, facto que constitui por si só evidência empírica para a projecção de T.⁹ Os dados relevantes são os que se apresentam em (41) e (42), parcialmente retomados em (46) e (47):

(46) Os jornalistas quiseram-no entrevistar no dia seguinte.

(47) Os jornalistas puderam-no entrevistar no dia seguinte.

Veja-se que a posição do modificador temporal é determinante para a interpretação da frase, como o prova o contraste entre (46)-(48) e (47)-(49):

⁹ A possibilidade de ocorrência do auxiliar perfectivo ter (cf. (i)) e (nos casos que envolvem verbos

(48) No dia seguinte os jornalistas quiseram-no entrevistar.

(49) No dia seguinte os jornalistas puderam-no entrevistar.

Pelo contrário, em construções com verbos tipicamente auxiliares, em que se projecta apenas um núcleo T, os modificadores temporais localizam o evento descrito pela sequência verbal e não apenas pelo verbo encaixado, sendo a sua posição irrelevante a nível do significado:

(50) Os jornalistas tinham-no entrevistado no dia seguinte.

(51) No dia seguinte os jornalistas tinham-no entrevistado.

Desta forma, a representação apresentada em (44) não é adequada para dar conta da construção de Reestruturação, uma vez que o domínio encaixado não inclui o núcleo T. A alternativa é considerar que, na referida construção, T se projecta mas é defectivo quanto a traços-V. Por esta razão, para verificar os seus traços, V encaixado move-se para o domínio matriz, onde T é activo, formando com o verbo desse domínio um predicado complexo. Por seu turno, dado que a ocorrência de clíticos depende da projecção de T activo (DUARTE et al. 2001), o clítico não pode ocorrer no domínio infinitivo, sendo antes formalmente legitimado no domínio matriz. Finalmente, o operador de negação frásica não pode ocorrer no domínio encaixado, visto que T, sendo defectivo, não o legitima.

Em síntese, a defectividade de T encaixado na construção de Reestruturação e a ausência de T no complemento dos verbos tipicamente auxiliares têm a mesma consequência – um único domínio T sintacticamente activo –, o que permite explicar a identidade de comportamentos que levou a tradição gramatical a incluir os verbos de Reestruturação na classe dos auxiliares.

4. Conclusões

Cumpridos que estão os objectivos enunciados na Introdução deste trabalho, é possível retirar as seguintes conclusões:

1. Os verbos auxiliares e os verbos de Reestruturação partilham um conjunto significativo de propriedades, o que poderá estar na base da inclu-

de Controlo) de um pronome anafórico na posição de Sujeito (cf. (ii)) no domínio encaixado constitui evidência empírica adicional em favor da projecção de T nesse domínio:

- (i) Os jornalistas podiam-no ter entrevistado após a conferência de imprensa.
- (ii) O Pedroi não lhes quis entregar elei o projecto.

são tradicional de todos eles na mesma classe. No entanto, o facto de se comportarem de forma distinta em certos contextos levou-me a considerá-los como pertencentes a duas classes distintas.

2. Do ponto de vista semântico, a dependência temporal do domínio encaixado relativamente ao domínio mais alto nas construções com verbos de Reestruturação aproxima estes verbos dos auxiliares, que ocorrem em construções em que existe apenas um domínio temporal.
3. Do ponto de vista sintáctico, a defectividade de T encaixado, que determina a formação do predicado complexo nas construções com verbos de Reestruturação, aproxima estes verbos dos auxiliares, que co-ocorrem com um domínio em que T não se projecta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMBAR, M., 1992 – “Temps et structure de la phrase en Portugais” in Obenhauer, H. G. & A. Zribi-Hertz, orgs., *Structure de la phrase et Théorie du Liage*, Saint-Denis, PUV.
- BECHARA, E., 1999 – *Moderna Gramática portuguesa*, Rio de Janeiro, Lucerna.
- BOŠKOVIĆ, Z., 1997 – *The syntax of nonfinite complementation. An Economy Approach*, Cambridge, Mass., MIT Press.
- CHOMSKY, N., 1995 – “Categories and transformations” in Chomsky, N., *The Minimalist Program*, Cambridge, Mass., MIT Press.
- COSTA, J. & A. Gonçalves, 1999 – “Minimal projections: evidence from defective constructions in European Portuguese” in *Catalan Working Papers in Linguistics*, vol. 7, pp. 59-69.
- CUNHA, C. & L. F. L. Cintra, 1984 – *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Sá da Costa.
- DUARTE, I., G. Matos, A. Gonçalves & I. Ribeiro, 2001 – “Clíticos especiais em Português europeu e Português brasileiro”. Comunicação apresentada ao 2º Colóquio do projecto *Português Europeu e Português Brasileiro. Unidade e Diversidade na Passagem do Milénio*. Fortaleza, Março de 2001.
- EPIPHANIO (da Silva Dias), 1917 – *Syntaxe Histórica Portuguesa*, 5ª edição, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1970.
- GÓMEZ TORREGO, L., 1999 – “Los verbos auxiliares. Las perífrases verbales de infinitivo” in Bosque, I. & V. Demonte, orgs., *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, Madrid, Espasa, vol. 2, pp. 3323-3389.
- GONÇALVES, A., 1992 – *Para uma sintaxe dos verbos auxiliares em Português europeu*, dissertação de Mestrado, FLUL, não pub..
- GONÇALVES, A., 1999 – *Predicados complexos verbais em contextos de infinitivo não preposicionado*, dissertação de Doutoramento, FLUL, não pub..
- LOBATO, L., 1975 – “Os verbos auxiliares em Português contemporâneo” in LOBATO, L. et al. (orgs.), *Análises Lingüísticas*, Petrópolis, Vozes.
- MATOS, G., 1999 – “Negative concord and the scope of negation” in *Catalan Working Papers in Linguistics*, vol. 7, pp. 175-190.
- NEWMeyer, F. J., 1975 – *English aspectual verbs*, Haia, Mouton.
- PONTES, E., 1973 – *Verbos auxiliares em Português*, Rio de Janeiro, Petrópolis.

- RAPOSO, E., 1987 – “Case theory and Infl-to-Comp: the inflected infinitive in European Portuguese” in *Linguistic Inquiry*, 18, pp. 85-109.
- RIZZI, L., 1982 – *Issues in Italian Syntax*, Dordrecht, Foris.
- SAID ALI, 1908 – *Dificuldades da Língua Portuguesa*, 6ª edição, Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1965.
- SAID ALI, 1927 – *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*, 6ª edição, São Paulo, Melhoramentos, 1965.
- SAID ALI, 1931 – *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, 7ª edição, Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1971.
- SOARES BARBOSA, J., 1822 – *Grammatica Philosophica da lingua portugueza ou principios da Grammatica Geral applicados á nossa linguagem*, 5ª edição, Lisboa, Typographia da Academia Real das Ciências, 1871.
- STOWELL, T. 1982 – “The tense of infinitives” in *Linguistic Inquiry*, 13, pp. 561-570.
- THRÁINSSON, H., 1996 – “On the (non-)universality of functional categories” in Abraham, W., S. D. Epstein, H. Thráinsson & C. J-W. Zwart, orgs., *Minimal ideas. Syntactic studies in the Minimalist Framework*, Amesterdão, Filadélfia, John Benjamins.
- YLLERA, A., 1999 – “Las perífrasis verbales de gerundio y participio” in Bosque, I. & V. Demonte, orgs., *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid, Espasa, vol. 2, pp. 3391-3439.
- ZANUTTINI, R., 1996 – “On the relevance of tense for sentential negation” in Belletti, A. & L. Rizzi, orgs., *Parameters and functional heads*, N. Iorque, Oxford, OUP.

